

Companheiros na luta por empregos e direitos



10 mil em defesa do emprego



Trabalhadores na Mercedes e na Ford ocupam a rodovia Anchieta contra as ameaças de demissões. Companheiros na Scania se solidarizam em ato na portaria da fábrica.





“Vamos fazer a resistência à altura da categoria”



Rafael Marques



Luizão



Paraíba

Cerca de 10 mil metalúrgicos do ABC ocuparam a Rodovia Anchieta, em São Bernardo, na manhã de ontem e aprovaram por unanimidade o encaminhamento de greve caso haja demissões. Os trabalhadores na Ford e na Mercedes saíram das fábricas e se encontraram na via, onde foi realizado o ato conjunto em defesa do emprego e das conquistas. Na Scania, a assembleia foi realizada na porta da fábrica.

“Vamos fazer a resistência à altura dessa categoria consciente, digna e lutadora. Demitiu, parou e parou pra valer”, convocou o presidente do Sindicato, Rafael Marques.

Na pauta de reivindicações também estão o Programa Nacional de Renovação da Frota, a redução da taxa de juros e contra a reforma da previdência.

Rafael destacou que o Sindicato tem alertado os trabalhadores sobre os riscos de demissões e retirada de direitos. Ford, Mercedes e Volks pretendem cortar mais de quatro mil empregos nos próximos meses.

“Identificamos que estava havendo uma mudança no cenário muito forte e, desde março, começamos a aquecer os motores da categoria”. Rafael destacou que as multinacionais estão atrasando investimentos no Brasil e citou o exemplo dado pelo secretário-geral da CUT-SP, João Cayres, que esteve mês passado no encontro da rede sindical mundial da Ford. “Quem participou foi o Bill Ford, que já presidiu a empresa. Quando perguntado sobre os investimentos do

Brasil, a resposta dele foi que é preciso aguardar o cenário político se acalmar para avaliar o que fazer no País”, contou.

O secretário-geral da CUT, Sérgio Nobre, explicou que o debate sobre o emprego na indústria é de toda a sociedade brasileira. “É a indústria em qualquer lugar do mundo que gera riqueza para que o País possa investir em saúde, educação, mobilidade, infraestrutura e gerar condições para avançar no social”, disse.

“Se a indústria brasileira morrer, podem esquecer o sonho de ter uma previdência que nos ampare na velhice, uma educação que assegure ensino gratuito aos nossos filhos do jardim à universidade. É isso que está em jogo e, por isso, temos que defender a agenda pelo desenvolvimento do Brasil”, defendeu Nobre.

Durante sua fala em frente à Scania, o presidente da Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT, a FEM-CUT, Luiz Carlos da Silva Dias, o Luizão, alertou sobre a ameaça de terceirização e retirada de direitos.

“O que eles querem é terceirizar tudo. A Fiesp já sinalizou que quer a retirada de direitos das nossas convenções. Muitos acham que os direitos estão na lei e que ninguém vai tirá-los, mas isso não é verdade, eles estão ameaçados”, afirmou o presidente da FEM-CUT.

A integrante do CSE na Scania, Leila Patricia Santana do Nascimento reforçou que a terceirização pode atingir os trabalhadores na fábrica.

“A terceirização, que desde 2004



Max

está sendo discutida e travada pela nossa luta, mais uma vez bate à porta. Conseguimos a duras penas um acordo que manteve o pessoal dos restaurantes e guardas como trabalhadores diretos, mas o que está em tramitação no Congresso, se for aprovado, uma linha inteira de montagem poderá ser terceirizada”.

O secretário-geral, Wagner Santana, o Wagnão, lembrou que os companheiros na Scania, apesar de não estarem vivendo ameaças de demissões, devem se solidarizar e estar atentos às realidades que afetam outras montadoras.

“Muitos acham que o problema não é com eles, mas precisam perceber que tudo o que acontece na região e no País tem uma relação direta e uma consequência sobre a vida de cada um”, alertou.

Wagnão também citou a reforma da previdência, como um risco para as conquistas dos metalúrgicos do ABC. “A nossa convenção coletiva estabelece que com 18 meses para se aposentar o trabalhador tem estabilidade no emprego. Mas vocês acham que a Scania ou qualquer outra empresa da nossa categoria vai segurar o trabalhador com até 65 anos?”, questionou.

“Por isso que nós temos que ser contra, porque quem propõe isso nunca encarou uma prensa ou apertou um parafuso na vida, não sabe o que é ficar 30 anos em uma linha de produção”, ressaltou.

Na Mercedes, o diretor Administrativo do Sindicato, Moisés Selerges, falou

que trabalhador não tem medo da luta. “O recado é que não tem arrego para manter os empregos. Não vamos aceitar demissões e vamos fazer a luta que tiver que ser feita”, reforçou. “A Mercedes já ganhou muito dinheiro nesses 60 anos no Brasil e agora não pode se comportar achando que a gente é bagaço de laranja para jogar fora. Mexeu com um, mexeu com todos”, sentenciou.

O coordenador do CSE na montadora alemã, Ângelo Máximo de Oliveira Pinho, o Max, destacou a importância da união dos trabalhadores na luta diante das ameaças de emprego, já que o prazo do Programa de Proteção ao Emprego, o PPE, terminou na terça-feira, dia 31.

“O presidente da empresa ficou ameaçando os trabalhadores pela imprensa ao dizer que não renovaria o PPE. Queremos construir alternativas negociadas que preservem os empregos”, contou. “Vamos continuar o processo de resistência e não vamos nos calar”, disse.

O coordenador geral da representação na Ford, José Quixabeira de Anchieta, o Paraíba, explicou que a empresa pressiona para reduzir o tempo de produção por veículo e com isso passaria a ter um excedente. “Esse é o motivo de estarmos aqui fazendo esse ato, para mostrar para a fábrica que estaremos sempre lutando pelo emprego. As negociações continuam porque temos que lutar pela sobrevivência desta fábrica. Não podemos abrir mão de mais de mil empregos nesta planta”, finalizou Paraíba.



Leila



Sérgio Nobre



Wagnão



Moisés